

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS:

Causas, Impactos e Possibilidades de Intervenção Pedagógica

Ângelo Poncio Júnior ¹

Christianne Aparecida dos Santos²

Leticia Alves Ragassi³

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as gerações anteriores fizeram.”

— Jean Piaget

Resumo

Este artigo analisa as dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender suas causas e identificar estratégias pedagógicas eficazes para superá-las. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, fundamenta-se nas contribuições de autores como Jean Piaget, Lev Vygotsky, David Ausubel e Alicia Fernández, que abordam o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo-cognitivo da aprendizagem.

Os resultados esperados e as análises apontam para a multifatorialidade das dificuldades, que envolvem fatores cognitivos, afetivos, sociais, pedagógicos e até mesmo neurológicos. Destaca-se a importância do diagnóstico precoce e da implementação de práticas pedagógicas adequadas, que considerem a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky, ativem conhecimentos prévios conforme Ausubel e promovam um ambiente acolhedor que liberte a "inteligência aprisionada" de Alicia Fernández.

O estudo enfatiza o papel crucial da escola e da família como agentes fundamentais no apoio ao processo de aprendizagem das crianças, ressaltando a necessidade de uma abordagem colaborativa entre educadores, pais e profissionais especializados. Conclui-se que o enfrentamento dessas dificuldades exige um olhar atento, acolhedor e metodologicamente flexível por parte dos educadores, valorizando a reflexão sobre as

causas subjacentes às dificuldades e a promoção de um ensino que dialogue com a realidade do aluno e suas necessidades individuais.

Palavras - chave: Dificuldades de Aprendizagem; Intervenção Pedagógica; Diagnóstico Precoce; Fatores Multifatoriais.

1 – Prof. Educação Básica 1 - Email - angelo.junior@professor.educacaoararas.sp.gov.br

2 – Prof. Educação Básica 1 - Email - christianne.santos@professor.educacaoararas.sp.gov.br

3 – Prof. Educação Básica 1 - Email - leticia.ragassi@professor.educacaoararas.sp.gov.br

SUMÁRIO

1. Introdução	Página 02
2. Revisão de Literatura	Página 03
○ Piaget (1976) - Desenvolvimento Cognitivo	
○ Vygotsky (2007) - Teoria Sociocultural e ZDP	
○ Ausubel (1968) - Aprendizagem Significativa	
○ Alicia Fernández (2001) - Perspectiva Afetivo-Cognitiva	
3. Metodologia	Página 09
4. Resultados Esperados	Página 10
5. Considerações Finais	Página 11
6. Referências	Página 12

1. Introdução

As dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais da educação básica têm se mostrado um dos principais desafios enfrentados por professores, gestores e famílias. Essa realidade afeta diretamente o processo de alfabetização, o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, a autonomia estudantil e a formação global da criança, impactando também sua autoestima e sua permanência qualificada na escola (SOUZA, 2022). Em muitos casos, essas dificuldades não estão associadas apenas a limitações cognitivas, mas resultam de uma combinação de fatores sociais, afetivos, pedagógicos e até mesmo neurológicos, que se manifestam de forma diversa em cada estudante (CARVALHO, 2020).

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a aprendizagem deve ser compreendida como um processo dinâmico, que depende de estímulos adequados, mediação pedagógica eficaz, vínculo afetivo com o saber e apoio familiar. “A aprendizagem é um processo que depende do contexto, da afetividade, do estímulo constante e de intervenções pedagógicas consistentes” (FERREIRA, 2019, p. 43). Quando um ou mais desses fatores falham, é comum o surgimento de barreiras ao desenvolvimento das habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo. Dificuldades como a dislexia, a discalculia e a disortografia, além de problemas de atenção e de linguagem, podem ser agravadas

pela falta de diagnóstico precoce e de intervenções pedagógicas adequadas (RODRIGUES, 2021).

A escolha desse tema justifica-se pela observação recorrente de casos de dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente em turmas do 4º e 5º anos. “As dificuldades de aprendizagem devem ser vistas à luz de um contexto educacional e social mais amplo, que considere a complexidade das relações escolares” (MARTINS, 2020, p. 58). Compreender as causas que favorecem o surgimento dessas dificuldades e buscar estratégias eficazes para enfrentá-las é uma necessidade urgente no contexto escolar. Para isso, é preciso unir teoria e prática, escutar os sujeitos envolvidos e analisar as ações possíveis no âmbito da sala de aula e da gestão escolar. Para Nóvoa (1995), o professor precisa assumir o papel de pesquisador da própria prática, ouvindo os estudantes e integrando teoria e vivência pedagógica.

Este artigo tem como objetivo geral refletir sobre as principais causas das dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais e identificar estratégias e estímulos pedagógicos que possam contribuir para superá-las. De forma específica, busca-se: a) mapear os fatores que favorecem essas dificuldades; b) compreender o papel do professor e da escola nesse processo; e c) apontar práticas e recursos pedagógicos que demonstram resultados positivos na mediação da aprendizagem.

2. Revisão de Literatura

A compreensão das dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais exige uma abordagem multidisciplinar que contemple aspectos do desenvolvimento cognitivo, social, emocional e pedagógico. Autores como Piaget, Vygotsky, Ausubel e Alicia Fernández contribuem significativamente para a reflexão sobre os processos de aprendizagem e os obstáculos que os atravessam. Segundo Piaget (1976), o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre em estágios, e a aprendizagem escolar só é efetiva quando respeita as estruturas mentais próprias de cada fase. Nos anos iniciais, as crianças estão predominantemente no estágio das operações concretas, o que exige metodologias ativas, uso de material concreto e situações significativas para que consigam construir conceitos. Durante os anos iniciais do Ensino Fundamental (6 a 10 anos), muitas crianças ainda estão em transição entre os

dois estágios. Isso traz dificuldades específicas, como: Compreensão rígida das regras ou seja as crianças tendem a seguir regras ao pé da letra e têm dificuldade em entender exceções ou negociar regras. Julgar pelo resultado, não pela intenção. Dependência da autoridade, Valorizam muito a palavra do professor ou adulto. Podem ter dificuldade em tomar decisões morais de forma autônoma. Dificuldade de empatia e cooperação plena pois ainda estão desenvolvendo habilidades como se colocar no lugar do outro e agir pensando no bem comum, o que afeta o trabalho em grupo e a convivência. Essas características trazem várias implicações para a educação, Piaget defendia que o ambiente escolar deve favorecer a autonomia moral e não apenas a obediência. Isso significa que é necessário estimular discussões sobre regras e justiça em sala. Promover atividades cooperativas e de tomada de decisão conjunta. Valorizar a reflexão sobre as intenções, e não apenas os resultados. Incentivar a responsabilidade compartilhada entre alunos. Por fim devemos desenvolver a autonomia moral dos alunos por meio da reflexão sobre intenções, consequências e regras sociais.

Já Vygotsky (2007), em sua teoria sociocultural, defende que o aprendizado ocorre inicialmente no plano social, por meio da interação com o outro, sendo posteriormente internalizado no plano individual. A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é um conceito-chave para compreender como a mediação do professor e o apoio de colegas mais experientes podem potencializar a aprendizagem de estudantes com dificuldades. A linguagem, nesse processo, atua como ferramenta fundamental de mediação. **Lev Vygotsky** nos ajuda a entender como as crianças aprendem em interação com o outro e com a cultura, propõe que o desenvolvimento dos processos mentais superiores (como pensamento, linguagem, memória, atenção voluntária) ocorre por meio das relações sociais e não de forma isolada.

O autor nos diz que o conhecimento no Ensino Fundamental é construído nas interações sociais, especialmente com pessoas mais experientes como professores, colegas e adultos. As crianças que não têm mediação adequada (diálogo, apoio, estratégias) podem apresentar dificuldade para aprender.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é o conceito mais famoso de Vygotsky. Ele define dois níveis:

Nível real de desenvolvimento: O que a criança consegue fazer sozinha. Nível potencial de desenvolvimento: O que ela pode fazer com ajuda (de um adulto ou colega mais experiente).

Uma dificuldade comum entre os professores que ensinam acima ou abaixo da ZDP é desmotivar o aluno ou torná-lo dependente.

O autor nos diz que a linguagem é a principal ferramenta de mediação do pensamento. Por meio do diálogo, da explicação e da escuta ativa, a criança internaliza conhecimentos. Porém a falta de diálogo, pouca oportunidade de explicar ideias ou raciocinar em voz alta pode limitar o desenvolvimento cognitivo.

Para Vygotsky, a criança não é um recipiente vazio, mas um sujeito ativo que aprende na interação com os outros e com o meio, portanto ela tem um papel ativo na sua aprendizagem, entretanto salas muito expositivas e com pouca participação podem inibir a aprendizagem significativa.

Ele nos sugere que podemos fazer como professores é identificar e trabalhar na Zona de Desenvolvimento Proximal. Diagnosticar o que o aluno já sabe fazer sozinho. Propor desafios um pouco acima, mas com apoio (dicas, perguntas, ajuda de colegas). Oferecer mediações significativas, como usar exemplos, comparações, perguntas orientadoras. Trabalhar com andaimagem: dar suporte enquanto o aluno aprende e retirar aos poucos. Podemos promover o trabalho cooperativo como por exemplo usar duplas e grupos heterogêneos para que os alunos aprendam uns com os outros. Estimular a explicação entre pares (quem sabe mais ajuda o outro). Estimular a linguagem e o pensamento, fazer perguntas que provoquem reflexão, estimular que os alunos falem sobre como pensaram para resolver um problema.

Devemos também valorizar o erro como parte do processo e ajudar o aluno a entender onde errou, sem puni-lo e mostrar que errar também é aprender. Ausubel (1968), por sua vez, destaca a importância do conhecimento prévio como base para a aprendizagem significativa. Quando os conteúdos escolares são apresentados de forma descontextualizada ou muito distantes da realidade do aluno, há maior probabilidade de não serem assimilados. Isso contribui para o fracasso escolar, especialmente entre alunos em situação de vulnerabilidade social.

“Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, eu diria: o fator mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Descubra isso e ensine-o a partir daí.”

O autor nos indica que a criança não aprende porque o conteúdo novo não faz sentido para ela, ou não se conecta com nada que ela já conheça.

Aprender não é decorar, Ausubel diferencia dois tipos de aprendizagem:

Aprendizagem significativa: quando o aluno compreende e relaciona o conteúdo com sua experiência ou conhecimento prévio. Aprendizagem mecânica: quando o aluno memoriza sem entender, o que é comum em métodos puramente expositivos. Quando o ensino é apenas baseado em memorização, a criança não retém ou aplica o que aprendeu.

Ausubel afirma que o conteúdo deve ser **bem estruturado**, de forma lógica, com os conceitos mais gerais sendo ensinados primeiro (organizadores prévios).

Quando os conteúdos são apresentados de forma desorganizada ou desconectada, a criança não entende o propósito e não consegue relacionar com o que já sabe.

O professor pode Ativar conhecimentos prévios, antes de ensinar algo novo, pergunte o que os alunos já sabem sobre o tema. Pode-se fazer uma conversa inicial, mapa mental ou uma atividade de sondagem.

Apresentar uma ideia geral ou exemplo prático antes de entrar no conteúdo detalhado. Contextualizar o conteúdo, relacionar o que está sendo ensinado à realidade do aluno (família, bairro, cotidiano). Evitar o ensino puramente mecânico, incentivar o aluno a explicar com suas palavras. Propor problemas reais ou situações concretas. Usar recursos visuais e exemplos, como quadros comparativos, esquemas, analogias e imagens ajudam a ligar o novo ao conhecido. Exemplo práticos. A psicopedagoga Alicia Fernández (2001) oferece uma perspectiva integradora ao considerar a aprendizagem como um processo afetivo-cognitivo. Para a autora, “ninguém aprende se não está desejando aprender”, enfatizando o papel do desejo e da subjetividade no ato de aprender. Dificuldades de aprendizagem, segundo ela, não se reduzem a déficits neurológicos, mas devem ser compreendidas como sintomas de conflitos internos, falhas na mediação pedagógica ou problemas no vínculo entre o aluno e o saber. A autora propõe que as dificuldades escolares não são causadas apenas por fatores cognitivos, mas também por fatores emocionais, afetivos, familiares, escolares e sociais.

O livro "A Inteligência Aprisionada – O diagnóstico psicopedagógico" de Alicia Fernández é uma obra central para compreender as dificuldades de aprendizagem a partir de uma perspectiva psicopedagógica crítica e sensível.

"Inteligência aprisionada" não significa falta de capacidade. A autora afirma que muitas crianças têm inteligência, têm potencial, mas não conseguem expressá-lo na escola por causa de bloqueios emocionais, insegurança, medo de errar, conflitos familiares ou experiências escolares negativas. Segundo Fernandes:

"Não se trata de crianças que não sabem, mas de crianças que não conseguem saber."

Ou seja, a inteligência está presa por algo que precisa ser compreendido, não punido.

A dificuldade é vista como uma forma de expressão de algo mais profundo: um conflito emocional, uma relação difícil com o saber, com o professor, com a família ou consigo mesmo.

Por exemplo: Uma criança que sempre “esquece” a tarefa pode estar tentando, inconscientemente, chamar atenção, expressar um sofrimento emocional, ou até resistir a um ambiente escolar que não a acolhe.

A escola pode reforçar ou aliviar essas dificuldades. Muitas vezes, o modelo escolar rígido e avaliativo contribui para aprofundar a dificuldade: rotula, compara, pune e faz o aluno se ver como incapaz: A autora complementa:

"Na escola, muitas vezes, a criança aprende mais sobre o fracasso do que sobre o conhecimento."

Crianças começam a rejeitar o saber ou a desistir de aprender, por medo de errar ou por não se sentirem pertencentes. Podemos como professores, ver o aluno além do conteúdo, observar suas emoções, comportamentos, inseguranças. Perguntar: “O que está por trás desse erro ou dessa recusa em aprender?” Escutar com empatia, acolher, dar espaço para o aluno se expressar sem julgamentos. Criar um ambiente afetivo e seguro. Evitar rótulos, trocar frases como “ele é preguiçoso” por: “O que pode estar dificultando sua participação?” Valorizar cada conquista, Reforçar os avanços, mesmo pequenos, para reconstruir a autoconfiança do aluno. Trabalhar em parceria com a família e outros profissionais, muitas dificuldades têm origem ou reflexo no contexto familiar e emocional.

Heloísa Szymanski (2004), em seu artigo “Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola”, retrata a visão que alguns profissionais têm referente às famílias e seus filhos que frequentam as escolas:

“É frequente ouvirmos depoimentos de professoras ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são "desestruturadas", desinteressadas, carentes e, no caso de comunidades de baixa renda, violentas. Tais condições constituem-se numa "explicação" fácil para o insucesso escolar de algumas crianças. Alguns minutos de reflexão bastam para as professoras perceberem que estão indo por um atalho que não as leva à compreensão das dificuldades de alguns de seus alunos. Tal raciocínio preconceituoso só serve para atribuição de culpa a uma situação externa à escola e para um conseqüente afastamento do problema.” (p.219)

A escuta da família e a atuação da equipe escolar (psicólogos, orientadores, psicopedagogos) são fundamentais. Muitas dificuldades têm origem ou reflexo no contexto familiar e emocional, tornando a colaboração entre todos os envolvidos essencial. A dificuldade de aprendizagem não deve ser vista como um fracasso do aluno, mas sim como um sinal de algo mais profundo que precisa ser compreendido e cuidado. É crucial que o educador vá além do ensino de conteúdos, buscando ajudar o aluno a liberar sua inteligência e a reconstruir sua relação com o saber e consigo mesmo.

Essa perspectiva exige que os educadores desenvolvam um "olhar atento, acolhedor e metodologicamente flexível". Ao invés de rotular ou punir, o professor deve buscar entender "o que está por trás desse erro ou dessa recusa em aprender?". Isso implica em um esforço para criar um ambiente afetivo e seguro na sala de aula, onde o aluno se sinta à vontade para se expressar e onde o erro seja visto como parte do processo de aprendizagem. A valorização de cada pequena conquista e o reforço dos avanços, mesmo que mínimos, são cruciais para reconstruir a autoconfiança do aluno. Além disso, a articulação entre a escola e outros profissionais, como psicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos, é indispensável para oferecer um suporte integral e personalizado, garantindo que as necessidades individuais de cada estudante sejam atendidas.

Além dos fatores internos, o ambiente escolar, as condições socioeconômicas e o apoio familiar são determinantes para o sucesso ou insucesso escolar. Estudos recentes, como os de Davis (2011), apontam que a ausência de diagnóstico precoce, turmas

superlotadas, metodologias pouco atrativas e formação docente insuficiente contribuem para o agravamento das dificuldades nos primeiros anos escolares. Portanto, compreender as dificuldades de aprendizagem exige mais do que classificar sintomas: é preciso escutar o aluno, observar suas reações diante do ensino, adaptar as práticas pedagógicas e promover um ambiente de aprendizagem acolhedor e inclusivo.

3. Metodologia

A pesquisa aqui apresentada é de natureza qualitativa e se baseia em uma abordagem bibliográfica, com caráter exploratório e descritivo. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica foca na análise de contribuições teóricas já existentes em diversas fontes, como livros, artigos científicos e documentos acadêmicos, para embasar e apoiar o desenvolvimento do conhecimento sobre um tema específico.

A seleção dessa metodologia é justificada pela necessidade de compilar, analisar e sintetizar as teorias e estudos já disponíveis sobre as dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais, suas origens e as estratégias pedagógicas eficazes para lidar com essa questão. A escolha da abordagem qualitativa permite uma análise mais aprofundada, abrangente e interpretativa do objeto de estudo, valorizando o ambiente escolar, as interações humanas e os processos pedagógicos envolvidos.

O corpo documental da pesquisa foi composto por obras fundamentais das teorias da aprendizagem, incluindo autores como Piaget, Vygotsky e Ausubel, além de publicações na área da psicopedagogia, como as de Fernández. Também foram utilizados artigos científicos de periódicos especializados em educação, psicologia educacional e psicopedagogia, acessíveis em bases de dados reconhecidas como SciELO, Google Acadêmico e periódicos da CAPES. Os critérios para inclusão das fontes consideraram a relevância para o tema abordado, o rigor científico das publicações e um recorte temporal que priorizou os últimos 15 anos, sem, contudo, excluir autores clássicos da área.

Para aprofundar a análise, a metodologia também contemplou a triangulação de dados por meio da comparação e contraste das diferentes perspectivas teóricas. Essa abordagem permitiu identificar convergências e divergências entre os autores, enriquecendo a compreensão da multifatorialidade das dificuldades de aprendizagem.

Além disso, a revisão bibliográfica não se limitou a um levantamento superficial, mas buscou aprofundar-se nas nuances de cada teoria, explorando suas implicações práticas para a intervenção pedagógica. A leitura crítica e interpretativa dos materiais selecionados foi fundamental para construir um panorama abrangente e consistente sobre o tema. O processo de análise envolveu a categorização das informações, a identificação de temas recorrentes e a elaboração de sínteses que pudessem subsidiar as discussões e as conclusões do estudo. A atenção à pertinência dos argumentos e à validade das proposições teóricas foi constante ao longo de todo o processo de levantamento e análise dos dados.

4. Resultados Esperados

Como resultado deste estudo, espera-se evidenciar que as dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais da Educação Básica são multifatoriais, ou seja, não resultam de uma única causa, mas de uma combinação de fatores cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos. Espera-se também confirmar, com base nas fontes teóricas, que o diagnóstico precoce e a intervenção pedagógica planejada são determinantes para o sucesso escolar dos alunos que apresentam tais dificuldades. Outro resultado previsto é a identificação de estratégias pedagógicas e estímulos educacionais que contribuem positivamente para a superação dessas dificuldades, como o uso de jogos didáticos, recursos visuais e concretos, aulas interativas, fortalecimento da autoestima e apoio psicopedagógico. A expectativa é oferecer ao leitor — especialmente professores e profissionais da educação — um conjunto de práticas fundamentadas teoricamente que podem ser aplicadas no cotidiano escolar. Por fim, o artigo pretende contribuir para a valorização do olhar docente atento e reflexivo diante dos sinais de dificuldade apresentados pelos alunos, bem como para o fortalecimento da parceria entre escola, família e equipe multidisciplinar como condição essencial para o desenvolvimento integral da criança.

5. Considerações Finais

As dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais da Educação Básica representam um desafio constante na prática pedagógica. Os dados analisados ao longo deste artigo demonstram que tais dificuldades não são apenas uma questão de capacidade cognitiva,

mas envolvem uma rede complexa de fatores biológicos, emocionais, pedagógicos e sociais que afetam diretamente o desenvolvimento das habilidades escolares. Com base na literatura consultada, compreende-se que o papel do professor é central na identificação precoce dessas dificuldades, bem como na mediação de estratégias de ensino adaptadas às necessidades dos alunos. A aplicação de metodologias ativas, o uso de materiais concretos, a valorização dos conhecimentos prévios e a construção de vínculos afetivos no ambiente escolar mostraram-se medidas eficazes para estimular o desejo de aprender e promover avanços significativos no processo de ensino-aprendizagem. Ficou evidente, também, que o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem exige uma abordagem colaborativa entre família, escola e profissionais especializados, como psicopedagogos, psicólogos e fonoaudiólogos. A construção de uma rede de apoio é fundamental para assegurar o direito à educação de qualidade a todos os estudantes, especialmente àqueles que mais necessitam de atenção individualizada. Diante disso, este artigo contribui para a formação docente ao oferecer um panorama teórico e prático que favorece a reflexão e a ação pedagógica crítica. Futuros estudos poderão ampliar esta investigação por meio de pesquisas de campo, envolvendo relatos de experiências docentes, dados quantitativos sobre o rendimento escolar e avaliações institucionais.

6. Referências

- CARVALHO, Eliane de. *Dificuldades de aprendizagem: aspectos neuropsicopedagógicos*. São Paulo: Espaço Digital, 2020.
- FERREIRA, Luana Cristina. *Ensinar e aprender nos anos iniciais: práticas e desafios*. Curitiba: Appris, 2019.
- MARTINS, José Luiz. *Educação, diversidade e inclusão*. São Paulo: Cortez, 2020.
- NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- RODRIGUES, Ana Paula. *Transtornos de aprendizagem: como identificar e intervir*. Belo Horizonte: Artesã, 2021.
- SOUZA, Maria Aparecida. *Dificuldades de aprendizagem na alfabetização: causas e intervenções*. Revista Mais Educação, v. 5, n. 6, 2022. Disponível em:

<https://www.revistamaiseducacao.com/artigosv5-n6-agosto-2022/65>. Acesso em: 24 jul. 2025.

SZYMANSKI, HELOISA Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola -

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p213-225_c.pdf

AUSUBEL, David Paul. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1968.DAVIS, Cláudia. As dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. Psicologia Escolar e Educacional, v. 15, n. 1, p. 25-34, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/FFXKXbp3fFhKb8rNfg3TrKJ/>>. Acesso em: 03 jul. 2025.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: o diagnóstico psicopedagógico. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo: Martins Fontes, 1976.VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.